DOI: 10.18226/22362762.v19.n.38.09 <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis>

# *"Não podemos cruzar os braços ante a desfiguração plástica e psychica da humanidade": a Educação Física na Eugenia de Renato Kehl (1917-1929)*

## *"We cannot cross our arms in the face of the plastic and psychic disfigurement of humanity": the Physical Education in the Eugenia of Renato Kehl (1917-1929)*

André Luiz dos Santos Silva*

Jéferson Luís Staudt**

**Resumo:** Este texto analisa as relações entre Eugenia e Educação Física nas obras de Renato Ferraz Kehl, publicadas entre 1917 e 1929. Atraído pelo interesse de popularizar a Eugenia no Brasil, Renato Kehl investia na "Educação Eugênica" e via, nas atividades ginásticas, mecanismos eficazes de pedagogização de preceitos eugênicos. Com o apoio da Educação Física, Kehl construía modelos normativos de masculinidade, bem como difundia a beleza física como atribuição feminina. Filiado à "Eugenia positiva", seu projeto de educação para a beleza eugênica defendia o ensino da seleção sexual como forma de assegurar o casamento entre cônjuges fisicamente eugênicos.

**Abstract:** This text analyzes the relations between Eugenia and physical education in the works of Renato Ferraz Kehl, published between 1917 and 1929. Attracted by the interest of popularizing Eugenia in Brazil, Renato Kehl invested in "Eugenic Education" and saw in the activities mechanisms for pedagogizing Eugenic precepts. With the support of Physical Education, Kehl constructed normative models of masculinity as well as diffused physical beauty as a feminine attribution. Affiliated to "Eugenia positivo", her eugenic beauty education project advocated the teaching of sexual selection as a way to ensure marriage between physically eugenic spouses.

* Doutor em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor-Adjunto na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS. Coordenador do Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (Grecco) E-mail: andrels@ufrgs.br

** Mestre em Processos e Manifestações Culturais pela Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale). E-mail: jefersonstaudt@feevale.br.

**Palavras-chave:** Eugenia. Renato Kehl. Educação Física.

**Keywords:** Eugenics. Renato Kehl. Physical Education.

## Considerações iniciais

Criada na Europa, em meados do século XIX, a Eugenia ganha adeptos no Brasil dos anos 1910, como ciência capaz de responder à questão da diversidade racial brasileira (SOUZA, 2006; STEPAN, 2005). A construção de uma nação eugênica reclamava a intervenção no corpo dos indivíduos, visando à normalização da coletividade. A "norma", ou seja, a raça eugenizada e livre de indivíduos disgênicos, seria efeito da ação direta e invasiva no corpo social, chamada de "Eugenia negativa", ou de medidas profiláticas como a higiene, a educação e a propaganda, conhecida como "Eugenia positiva" (SILVA, 2013).

Os adesistas da "Eugenia positiva" defendiam a orientação sexual e os exames pré-nupciais, apontando à necessidade de intervir na sexualidade. O controle das relações sexuais, a ingerência na escolha de parceiros e, como efeito, na procriação, apareceria como meio de gestão eugênica usada para orientar a reprodução da raça nacional (SILVA, 2013).

Nessa direção, merecem destaque os escritos de Renato Ferraz Kehl,[1] um dos maiores responsáveis pela divulgação do debate eugênico no País, defendendo a educação como veículo formador de uma consciência eugênica, com enfoque na educação sexual (SILVA, 2008).

Autor de dezenas de livros e publicações em periódicos,[2] Renato Kehl tornou-se editor doOlet*im de Eugenia*, entre fins de 1920 e início de 1930, além de fundar, em 1918, a "Sociedade Eugênica de São Paulo" e organizar, em 1931, a "Comissão Central Brasileira de Eugenia" (CCBE) (SILVA, 2014; SOUZA, 2006).

O acesso à sua obra permitiu que se perceba que Kehl versava sobre práticas de exercitação física agregando a elas um conjunto de ensinamentos, valores e normas morais. Em seus textos sobre Educação Física as concepções eugênicas dividiram espaço com leis "naturais" da

Fisiologia e da hereditariedade, ensinando formas de ser e se constituir como homem, mulher, mãe, pai e cidadão. Analisados em conjunto, as particularidades de seus escritos sobre Eucação Física constituem um compêndio pedagógico que ensina pressupostos normativos capazes de regular condutas de homens e mulheres.

Nesse sentido, partindo das categorias corpo[3] e gênero,[4] este artigo analisa a relação entre Eugenia e Educação Física nas obras de Renato Kehl, datadas de 1917 a 1929. Esse recorte temporal marca a fase *branda* do seu debate, quando buscava informar e sensibilizar sobre a causa eugênica e estabelecer vínculos com o saneamento, a educação e a higiene.[5] Além disso, após 1929, Renato Kehl passa a abordar, com menos frequência, questões referentes à Educação física (SILVA, 2008).

No rastro dos vestígios deixados por esse autor, foram acessadas documentações que compõem o Fundo Pessoal Renato Kehl, localizado na Casa de Oswaldo Cruz (COC), Fiocruz – RJ. Esse acervo foi produzido pelo próprio Kehl que organizou, em grandes cadernos, textos, recortes de jornais/revistas e resenhas de suas obras em ordem cronológica.[6] Além desses, ainda foram consultadas obras de Kehl localizadas na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Acervo de Obras Gerais), Bibliotecas da Universidade Federal de Minas Gerais (setores de Psicologia, Cefet, Biblioteca Geral, Centro de Memória da Medicina), Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Medicina e Faculdade de Educação), Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa – Belo Horizonte.

A análise dos documentos foi instrumentalizada pelo conceito foucaultiano de *norma*, para identificar e dar a ver uma dada concepção de corpo e gênero nas relações estabelecidas entre Eugenia e Educação Física. Para Michel Foucault (2001, 2007), a normalização envolve o controle disciplinar do corpo e das condutas sexuais, essas, intimamente ligadas à regulação dos fenômenos reprodutivos da população. Nesse tocante, a construção de modelos normativos de corpo e gênero são fruto dos exercícios de poder, gerando, como efeito, as marcas da diferença manifestas naqueles e naquelas que se afastam dessa mesma *norma.* Assim, as relações de saber-poder, nas obras de Kehl, ao tomarem a Educação Física como instância legítima de discursos sobre os corpos, produzem sujeitos desejáveis e, por meio de inúmeras técnicas de correção e de exclusão, os desviantes. Desse modo, a Educação Física,

na produção bibliográfica de Renato Kehl, é apresentada como campo de saber capaz de ensinar, por meio de suas práticas concepções estéticas, defendidas pela Eugenia, normatizando corpos e identidades de gênero.

## "O homem e a mulher normaes": saudáveis, belos e robustos

Nas obras de Renato Kehl, um dado tipo de corpo masculino é evidenciado como sinônimo daquilo que é moralmente bom, intelectualmente capaz e fisicamente belo – um corpo branco, limpo, que se exercita fisicamente – um corpo do início do século XX, mas que se aproxima das noções popularizadas da Antiguidade clássica. Nos textos que abordam a Educação Física, o "homem eugênico" emerge do universo grego, dando ao seu projeto notas de um passado mítico e popularizado.

A utopia da perfectibilidade física, na obra de Kehl, parece operar sobre a crença de que um corpo perfeito abriga as purezas moral e intelectual. Em vista disso, os cânones da Antiguidade clássica, tidos como sinônimo de perfeição física, são atualizados para respaldar um projeto que visa ao branqueamento estético/racial da Nação (FLORES, 2000).

Renato Kehl concebe um ideário de beleza grega a *pari passu* com o ápice das teorias raciológicas no Brasil, pondo em diálogo a estética e o racismo. Se a fealdade era representativa da incivilidade e das *mazelas* dos cruzamentos raciais, a Eugenia possuía os instrumentos para embelezar e aperfeiçoar o tipo étnico em formação (FLORES, 2006).

A Grécia, então, é descrita como um lugar *mágico* que, em meio a grandes colunas de mármore, num período impreciso e longínquo, foi erigida por legisladores, guerreiros, atletas, filósofos, artistas – homens. A Grécia, em Kehl, é organizada e pensada pelo *sexo forte*, logo falar dessa civilização, valorizando seus feitos, significa reverenciar a figura masculina (VIMIEIRO-GOMES; SILVA, 2019).

Entretanto, muito mais que louvar os legados de poesia, arte e filosofia, Kehl evidencia, nessa civilização, uma série de práticas *pré-eugênicas*. A Grécia descrita por esse médico apoia-se em concepções

eugênicas, destacando medidas como a seleção matrimonial, políticas imigratórias e extermínio dos degenerados.

Para Kehl, os gregos, sobretudo os espartanos, eram belos de corpo, cultivavam práticas corporais, possuíam ideias avançadas, aproximando-os da Eugenia, mas não representavam tipos de homem "puro-sangue". Considerados incivilizados, os espartanos eram descritos como um povo habituado a alimentos grosseiros, partilhavam práticas brutais e impiedosos, sua vida era pobre, e as lutas, incessantes. Apesar das ressalvas, em suas obras, os tipos gregos eram considerados elementos importantes para a construção e a manutenção de seu homem eugênico. A representação de seu corpo emerge de alguns fragmentos extraídos da Antiguidade clássica, cuja materialidade era idealizada no mármore.

Em "Saúde, belleza, robustez e a Educação Física",[7] o texto é cuidadosamente ilustrado por inúmeras imagens de esculturas gregas de corpos masculinos. Considerado exemplo de perfeição física, moral e intelectual, Antinoüs abre a sequência de imagens que ilustram esse capítulo. Aos olhos de Kehl, nem tão belo como Apolo, nem tão forte como Hércules, Antinoüs reúne predicados de normalidade plasmados em seu corpo de mármore.

Nascido por volta de 110 d. C. em Bitinia – Grécia, Antinoüs tornou-se amante[8] e efebo favorito do então imperador Adriano, que o via como símbolo de beleza e perfeição plástica masculina. Sua morte, por volta de 130 d. C., desencadeou, em Adriano, a tentativa de imortalizá-lo. Seu corpo foi esculpido no mármore, e seu rosto, cunhado em moedas. Antinoüs assumiu o posto de deus, ao lado de Apollo, Dionísio, Hermes, dentre outros. Seu corpo encerra a última criação ideal da arte antiga, o último deus do mundo clássico (FRAGA; GOELLNER; SILVA, 2016).

Sob a ótica cristã, Antinoüs teve sua história moralizada. Pelo viés da Eugenia, "seus desvios sexuais" são extirpadas, dando origem ao homem "puro-sangue": perfeito, dos pontos de vista físico, moral e intelectual (FRAGA; GOELLNER; SILVA, 2016). Antinoüs, Licurgo, Hércules, assim como Sparta e Atenas e as inúmeras referências gregas são reinventadas por Kehl, numa Grécia do século XX. Para constituir seu modelo de perfeição, o eugenista reconta a história da Grécia e lança mão de um "aglomerado de ideias e imagens simplificadas, românticas e popularizadas ao longo do tempo" (ALMEIDA, 2001, p. 80).

No processo de constituição do homem "puro-sangue", entretanto, fazia-se imprescindível a construção e a desqualificação de contraexemplos. Tuberculosos, sifilíticos, alcoólatras, velhos e camponeses são invocados num processo de normalização e marginalização. Ao longo das primeiras décadas do século XX, apoiadas em discursos médicos, campanhas publicitárias contra o alcoolismo e de prevenção às doenças venéreas, em especial a sífilis, auxiliaram a construção de um ideal de masculinidade (MATOS, 2000), sendo a mesma estratégia utilizada por Kehl em diversos textos,[9] cujos conteúdos evidenciam os infortúnios do desregramento masculino.

Esses indivíduos são representados como símbolos de masculinidades, que reafirmariam a centralidade conferida ao homem "puro-sangue". Contudo, os excêntricos"[10] não eram mencionados nas páginas que abordavam atividades físicas. O lugar de culto à robustez, à saúde e à beleza não deveria ser maculado pelas imundícies da sífilis, ou vapores maléficos do álcool. Somente a *norma* masculina, eleita por Kelh, deveria desfilar seu corpo e expor, juntamente com seus músculos, a perfeição moral e a intelectual.

À luz do sol, com poucas roupas, a robustez masculina é associada à saúde e a um conjunto de representações normativas produzidas nas práticas prescritas pela Educação Física. Em meio a imagens e textos, os corpos masculinos que se exercitam compõem um quadro de saúde, harmonia, beleza e jovialidade que evidenciam o modelo normativo de homem e masculinidade, o que, em alguma medida, parece reafirmar os próprios privilégios de Renato Kehl.

Homem, branco, jovem, heterossexual, cristão, médico e descendente de alemães, Kehl fala de um lugar que historicamente foi se constituindo como privilegiado e que, em suas obras, recebeu o reforço de seu prestígio político-intelectual. Pelo que representa em seus textos, Kehl ocupa o lugar do homem "puro-sangue", posição que lhe permite classificar o diferente, remarcando, a cada *desvio* dos marginais, *esse* espaço privilegiado. Emblema do ideal eugênico, Renato Kehl ocupa o lugar da *norma* "a partir da qual certo exercício de poder se acha fundado e legitimado" (FOUCAULT, 2001, p. 62). Dotado de determinados privilégios, Kehl se dedica a falar de todos aqueles que foram posicionados fora do *centro,* indicando normas de conduta, práticas cotidianas e fórmulas de vida saudável.

O corpo *excêntrico,* nos textos onde Kehl fala sobre Educação Física, é produzido na estreita relação com as masculinidades e feminilidades *normais.* As imagens femininas imersas nos textos dão forma aos imperativos: pele lisa e branca, coxas bem-torneadas, abdômen e *ancas* firmes. Essas imagens são inseridas em meio a inúmeros dizeres que reforçam as obrigações femininas com a beleza, tornando-se emblema do *vir-a-ser*, apontando para as imperfeições corporais, presentificando a fealdade. Para Kehl

> pouca gente sabe o que seja uma "bella mulher". [...] A belleza é rara. [...] Raras, raríssimas as mulheres que podem ter a pretensão de serem rainhas da plastica, possuindo, a rigor, as justas proporções das partes, harmonia de linhas, esbeltez do talhe, delicadeza de contornos, epiderme rosada e fina, além dos predicados indispensáveis de saúde e robustez (1927, p. 15).

A beleza é indicada como algo que as mulheres não possuem, uma evidência que ganha mais vulto quando postas ao lado de tabelas e quadros que revelam a proporcionalidade que deveriam possuir os corpos femininos.[11] Opera-se, com isso, um meticuloso processo que tenta informar as mulheres sobre suas imperfeições físicas, tornando-as *conscientes* de seus próprios corpos como efeito de um investimento disciplinar. Nesse processo, a nudez, a exaltação da beleza e os exercícios ginásticos parecem conduzir ao desejo de si "através de um trabalho insistente, obstinado e meticuloso" (FOUCAULT, 2007, p. 146).

Avisadas sobre seus próprios defeitos, as mulheres deveriam ter em mente os valores de circunferência que significam beleza para que pudessem, a partir disso, julgar se seu corpo seria *verdadeiramente* belo. Capaz de resolver problemas pulmonares, circulatórios, ortopédicos, assim como a obesidade, a preguiça e inúmeras moléstias *enfeiantes*, os exercícios físicos são invocados por Kehl (1927, p. 19-20), afinal, "quatro são as condições essenciaes para a belleza do corpo humano e, todas ellas influenciadas, de modo rápido e incisivo, pelos exercícios gymnasticos; o esqueleto, a musculatura, a gordura e a pelle".

As atividades físicas sistemáticas aparecem, em seus textos, como elementos centrais no processo de embelezamento, dotando o corpo de belos atributos, partilhando das regras gerais de higiene, de

modo a auxiliar na melhoria da saúde da população. Nesse processo, a ginástica é apresentada como prática capaz de tornear as pernas, reduzir o excesso de gordura, emagrecer as *ancas* e o pescoço, cultivar a robustez, a agilidade e a flexibilidade dos quadris e desenvolver o equilíbrio, materializando, nos corpos, as *benesses* do disciplinamento.

Nos textos de Kehl, o embelezamento surge como um meio fundamental para capturar o olhar masculino. Para ele as mulheres deveriam ser belas para os homens, e o cultivo da beleza daria a elas vantagens na disputa pelo "mercado do casamento". A prática de exercícios físicos, a escolha das roupas, o cuidado com a higiene e, de forma sutil, o uso de um pó facial, ou um creme inócuo, são condutas aguçadas pela aprovação e satisfação dos homens. Antes de ser inteligente, antes de ser moralmente forte, a mulher precisaria ser bela e ser avisada disso. Nesse sentido, afirma que

> de todos os elementos, que se unem em várias proporções para produzir no homem a complexa commoção que se chama amôr, os mais fortes são os despertados pelos attractivos physicos; os segundos em graduação de força são os attributos moraes; os mais fracos são os intellectuaes (KEHL, 1923, p. 78).

Assim, corpos são forjados, em meio a um discurso constituído com o auxílio de atividades físicas sistemáticas, atribuindo-lhes características como: beleza, saúde, robustez e *normalidade*. Lançando-se de maneira diferente a homens e mulheres, os exercícios físicos, vinculados ao discurso eugênico de Kehl, ajudam a constituir o imperativo feminino da beleza e a singularidade dos atributos da *norma* masculina.

Corpos de homens e mulheres são postos em movimento sob a luz do sol, trajando poucas roupas, revelando proximidade com a natureza, indicando as bases eugênicas para a apreciação de um corpo belo. Muito mais que robustecer, embelezar e higienizar, as práticas físicas sistemáticas possibilitam a visibilidade de corpos, concorrendo, assim, para a divulgação de homens e mulheres belas. Com o auxílio da Educação Física, Kehl tenta educar o senso estético daqueles que acessam seus escritos, conformando, assim, uma estratégia de sua "Eugenia positiva".

## A Educação Física e os concursos de *misses*: mecanismos de uma "Eugenia positiva"

> A Eugenia positiva se incumbe também da educação physica, do avigoramento pelas regras da boa hygiene, dos exercícios bem compreendidos e praticados. Nesta parte se inclue tudo quanto reunido se enfeixaria sobre a denominação "das boas praticas", capítulo de um catecismo eugênico que deveria existir para ser distribuído pelas escolas primarias, secundárias e mesmo superiores (KEHL, 1922, p. 76).

O alcance da Educação Física, nas obras de Kehl, vai além do robustecimento físico e da promoção da saúde, explícitos no fragmento acima; atua como propagandista e educadora do melhoramento hereditário, auxiliando, um dos elementos centrais no seu programa de "Eugenia positiva" – a educação sexual. Enquanto a "Eugenia negativa" ocupa-se em impedir a procriação de seres degenerados, a "positiva" se refere à "procriação sã", o estímulo matrimonial entre os bem-nascidos e o aumento da taxa de natalidade *hígida*. Ao passo que a "Eugenia preventiva" atua sobre doenças sociais,[12] a "positiva" centra-se na educação sexual dos jovens, revelando, didaticamente, os mecanismos reprodutivos (SANTOS *et al.*, 2014; CASTANEDA, 2003).

Para a "Eugenia positiva" seria fundamental que a educação sexual ensinasse a identificar os melhores sujeitos, educando para a atração física dentro dos pressupostos eugênicos e elegendo a beleza e a simetria como atributos de *normalidade*. Dentro da proposta de "Eugenia positiva", os exercícios físicos alcançariam outros patamares, também educando o senso estético de jovens e adultos em direção à procriação *hígida*.

Os eugenistas da época viam a educação como um valioso veículo de difusão e implantação de políticas eugênicas no Brasil, pois acreditavam que o ambiente e os hábitos podiam gerar modificações genéticas transmissíveis às gerações seguintes e, sendo assim, a regeneração da raça brasileira seria obtida mediante ações salutares e educacionais[13] (HABIB, 2010). Como sistema articulador de saberes que intervêm na constituição dos indivíduos, a educação servia para subjetivá-los a desejar e apreciar os *verdadeiros* sentidos da beleza.

Assim, a imperfeição física deveria ser marginalizada e, para sua efetivação, seria fundamental classificar e disseminar o que é feio e o que é belo, convocando as pessoas, cientes da degeneração, a atuarem em prol do limpo e da *normalidade*. Dessa forma, conselhos são dados àqueles que desejam contrair núpcias, alertando sobre os riscos de gerar crianças raquíticas, viciadas, doentes – feias. Segundo Kehl, "indispensável é [...] demonstrar as conseqüências ruinosas dos casamentos com indivíduos providos de taras mórbidas, com descendentes de [...] leprosos, cancerosos, etc." (KEHL, 1923, p. 210).

"Amigos que somos do belo, não podemos cruzar os braços ante a desfiguração plástica e psychica da humanidade, composta, nos nossos dias, de espectros de gente, genuínas figuras movediças, representados nos quadros da anormalidade" (KEHL, 1923, p. 16).

Renato Kehl evidencia a fealdade como resultado da ignorância hereditária e da subversão das leis naturais. Segundo o eugenista, sentimentos de amor e compaixão teriam levado a humanidade a acolher o doente, a dar condições de subsistência ao degenerado, a ditar leis que caçam do forte o *direito* de submeter o fraco. Para Kehl isso significaria que as leis biológicas foram adulteradas pela filantropia e pela caridade.

Enquanto a seleção natural aguça a luta, os sentimentos humanos protegem os fracos, geram asilos para degenerados e afetam os desígnios da natureza. Reiteradamente, Kehl fala dos benefícios que a seleção natural traz às espécies animais, sendo um caminho para purificação racial que poderia ser seguido pela humanidade caso sua história não a tivesse subvertido. A espécie teria sido desconsiderada no momento em que políticas e leis teriam sido criadas para preservar indivíduos inaptos, permitindo a propagação de indivíduos disgênicos e *anormais*. Porém, embora defendesse a seleção natural, Kehl coloca-se, em outros momentos, de acordo com os preceitos morais da época, dizendo que, como médico, procurava "sempre fortalecer um rachitico; [...] melhorar um tuberculoso; [...] prolongar a vida de um enfermo" (KEHL, 1923, p. 204).

Entretanto, se o progresso humano fez a força ceder lugar a sentimentos de benevolência, subvertendo a seleção natural, o mesmo não poderia acontecer com as leis do amor. Também considerada um elemento importante no processo de aperfeiçoamento da espécie, a seleção sexual[14] não atuaria na eliminação do mais fraco pelo mais forte,

mas, sim, na superação dos mais belos. Relativa à conquista mútua entre homens e mulheres, diz respeito à atração física ou, ainda, como efeito de uma lei natural que guarda os indivíduos mais belos e robustos para o justo matrimônio, dando origem a filhos fortes e bonitos.

Aos olhos de Kehl, a luta travada nos intentos do amor também tem sido subvertida em vista de interesses sociais e pessoais. Segundo ele, o único sentimento digno de *presidir* casamentos, tem sido submetido à tirania da vida artificial. Na ânsia pelo conforto e pela opulência, o amor teria sido subjugado, e a raça, deixada em segundo plano. Corpos feios, desajeitados e disformes estariam encontrando bons matrimônios por meio do dinheiro. Gordos, velhos e tarados teriam achado belas esposas, jovens e prendadas, seduzidas pela abastança. "O critério da escolha não é o da electividade instinctiva do bello para o bello, é o do interesse" (KEHL, 1923, p. 205).

Para Kehl (1923, p. 20) se o *amor* fosse o elemento central a definir os matrimônios, as mulheres "jovens, bellas, graciosas, sadias achariam mais probabilidades de se casarem que as feias, desgraciosas ou doentes. Os rapazes fortes, bellos, ellegantes encontrariam com maior facilidade esposas, que os em situação contraria".

Traduzido em termos biológicos, o amor se manifestaria por meio de mecanismos naturais; assim, os dotes físicos desencadeariam o processo de seleção sexual. A "electividade instinctiva" atribui à biologia as noções de belo e feio, elege dado tipo de corpo e confere causa à natureza, retirando o peso das normas sociais, das marcas do tempo, das diretrizes morais, agregando valores de verdade e universalidade.

No sentido de educar a *seleção sexual* e o *instinto de reprodução*, Renato Kehl cria um projeto de "Eugenia positiva" cujos *verdadeiro*s atributos de beleza deveriam ser vulgarizados para influenciarem a escolha de bons maridos e esposas. Com foco na educação, Renato Kehl arquiteta, em seus textos, um programa que evidencia belas mulheres e belos homens em movimentos graciosos ou de força.

A constituição desse programa tenta vincular belos corpos às artes, uma estratégia que eleva, ao plano das sensibilidades sublimes, as noções eugênicas de belo e feio. Uma estratégia que tenta associar sentimentos de pureza, beleza e inocência, retirando o "peso" da marginalização da fealdade. A beleza deveria ser cultuada, elevada à

condição de idolatria para relegar a fealdade à doença; uma tentativa de impedir que tais deformidades se manifestassem, sobretudo, que se reproduzissem.

Os gregos deveriam ser imitados no seu culto ao corpo, no seu culto às práticas físicas, capazes de gerar corpos belos, seja por seus efeitos fisiológicos, seja pela educação do senso estético. Sensíveis à beleza corporal, os gregos promoviam concursos para exposição e contemplação do belo.

> Nos concursos de belleza que se realizavam em Lesbos, o triumpho de um candidato valia-lhe a consagração divina. Carregavam-n'o como um deus pelas ruas da cidade. A exhibição era permittida; aos homens bellos dava-se o direito de passear nus pelas ruas a fim de lhes ser admirada a plastica varonil (KEHL, 1923, p. 26).

Os concursos de beleza, tão louvados na Grécia, já tinham suas versões norte-americanas, onde os avanços dos meios de comunicação permitiam que os corpos dos vencedores fossem contemplados por meio de revistas ou obras cinematográficas. Os concursos de beleza eram importantes estratégias no processo de civilização dos instintos. Restringir aos mínimos defeitos e evidenciar a harmonia e a perfeição eram os objetivos dos concursos de *misses*, cujas vencedoras seriam idolatradas. Esses concursos vulgarizariam noções de beleza, educando a população sobre as *reais* noções de belo.

Assim, para Kehl

> os concursos de belleza com a exhibição honesta de corpos bem modelados, constituem, pois, factores indispensáveis de educação esthetica masculina e feminina. É necessário ver e comparar afim de poder fazer juízo do que seja um corpo verdadeiramente perfeito. Dessa educação, enormes benefícios advirão para o progresso das espécies (1927, p. 57).

Ao lado dos concursos de *misses,* a Educação Física é exposta como elemento igualmente educador, capaz de sensibilizar para a beleza eugênica. Corpos movimentam-se com poucas roupas, exibindo músculos bem-trabalhados, associando exercícios corporais a formosura.

Vinculados à estatuária grega, os corpos que se movimentam carregariam os atributos de limpeza, pureza e inocência, expressos na perfeição corporal.

A tentativa desse eugenista de combinar beleza física e arte, sobretudo a grega, confere uma aura de inocência à nudez, vista como escândalo por alguns moralistas. Belos corpos, circulando em leves túnicas, torsos nus, pernas e pés à mostra suscitariam a contemplação, uma postura quase religiosa. Corpos são evidenciados quase nus propagando os benefícios dos exercícios físicos, visibilizando a beleza e educando o "instinto de reprodução".

"Allemães, americanos e suecos já comprehenderam o valor do culto a forma do corpo, instituindo esportes ao ar livre, com o corpo nú ou seminú, como se vê em revistas e films cinematographicos, sem que isso represente uma offensa à moral cristã" (KEHL, 1927, p. 32).

Para assegurar os exercícios físicos em poucos trajes e a popularização dos concursos de beleza dissociados da moral vulgar, Renato Kehl empenha-se na argumentação em favor de uma nudez decorosa, decente e necessária. As demandas do movimento, de acordo com noções higiênicas, exigiam trajes leves, permitindo liberdade das articulações, transpiração natural, deixando livres a circulação sanguínea e os movimentos respiratórios; a legitimidade construída pelas leis da Fisiologia, o que asseguraria, cientificamente, os objetivos de educação do instinto sexual.

A higiene, aos poucos, fornece algumas diretrizes para o corte das roupas modernas, encurtando saias, usando tecidos leves, permitindo, assim, que o corpo respire. Numa tentativa de dissociar a imoralidade dos tecidos que cobrem o corpo, esse autor explica que, quanto mais coberto, mais desperta no sexo oposto a curiosidade, a imaginação e a volúpia. Descobrir o corpo não abre brechas às fantasias do sensualismo e ainda concorre para a lógica higiênica, tão importante em seu tempo.

A legitimidade da ciência, seja via desmistificação dos mecanismos sexuais, seja via imperativos da higiene, seria um elemento fundamental para auxiliar na argumentação em favor da exposição de corpos nus. Para se escolher um bom marido e uma boa esposa, era imprescindível atentar para suas pernas, seu colo, abdômen e braços, ver a conformação dos pés, dos quadris e das costas. Urgia retirar os

excessos de tecido para revelar, no cotidiano das cidades, a compleição dos corpos daqueles que pretendiam se casar.

Túnicas, saias curtas, camisas de colarinho mole e *maillot* collante são algumas das peças indicadas por Kehl como perfeitamente decentes, desde que preenchidas por corpos que lhes fossem dignos. Para esse eugenista, a nudez nada teria de imoral se o corpo exposto guardasse atributos de beleza e simetria. Imoral seria a feiura que constrange, que causa asco. Segundo Kehl (1927, p. 18), "obscena é a fealdade, é a deformidade que o nu põe à mostra". Em outro trecho, dizia que as "praias nada teriam de immoraes se fossem freqüentadas por indivíduos que, apresentando-se nus, não nos mostrassem ventres bojudos, pernas de jaburus, thoraces espremidos e outras deformidades do mesmo jaez" (KEHL, 1927, p. 19).

As indecências da fealdade são expostas por Kehl como emblema do descaso com a hereditariedade e com a falta de hábitos morais, resultado da adoção de uma má conduta por parte daqueles considerados desviantes. Kehl alega que sujeitos belos como fruto de uma hereditariedade sadia e da adoção de hábitos morais desejáveis, deveriam ser merecedores de se conservarem alheios às imperfeições monstruosas que a indisciplina produz. Nesse cenário, para esse eugenista, os sujeitos que apresentassem deformidades em seu corpo deveriam sentir-se envergonhados, ocultando com roupas seus corpos e imperfeições.

Entretanto, a fealdade, apesar de condenável, teria uma importante função no processo de normatização da beleza: conferir centralidade e superioridade ao corpo belo e denunciar a indolência, a indisciplina e a imoralidade.

Para esse estudioso

> não é encompridando calções ou cobrindo os seios que se moralizam as praias, mas cobrindo fealdades indecorosas, impedindo insolências e atitudes licenciosas. Apollos e Venus podem expor-se nus à luz meridiana, aos olhares da multidão porque sua belleza não offende, não é lúbrica, mas pura e majestosa (1927, p. 19).

“Favoravel à procreação sã ou fomento da paternidade digna”, a “Eugenia positiva” traçada por Kehl promove uma educação que favoreça a procriação dos *bem-dotados* e a formação de qualidades hereditárias ótimas (KHEL, 1926b, p. 158). Referir-se à paternidade digna significa saber distinguir, em meio aos múltiplos degenerados, que se aglomeram nas grandes cidades, os atributos de um ser eugênico.

De acordo com Kehl,

> a *Eugenia Positiva* se applica em educar a mocidade para o matrimonio, se empenha na educação sexual dos jovens dos dois sexos, de modo a combater a ignorância sobre os verdadeiros fins do casamento que são as boas procreações; consiste em civilizar o instincto de reproducção, este isntincto que Pinard diz ser ‘o mais poderoso, o mais nobre de todos, porque elle representa a salvação da espécie, pois que elle tem por missão assegurar sua conservação. A Eugenia positiva é a mentora das boas ligações, não permitte que o ‘amor se deixe arrastar como um inconsciente, como um louco, como um criminoso’, conforme acontece muitas vezes (1922, p. 28).

## Considerações finais

Incorporados a um projeto que evidencia, incita e valoriza corpos belos, os exercícios físicos educam os sentidos dentro das concepções estéticas eugênicas. Visibilizando belos corpos em movimento e associando-se a valores como disciplina, saúde e normalidade intelectual e moral, auxilia na constituição do movimento eugênico pensado por Renato Kehl.

Nesse sentido, a ginástica em trajes simples, os concursos de *misses*, assim como os argumentos em favor da nudez e da moda *higiênica*, configuram um programa de educação e seleção matrimonial – elementos-base para uma proposta de “Eugenia positiva”. Prevenindo homens e mulheres, a exposição de belos corpos durante sessões de ginástica numa educação sexual que vai além dos mecanismos de reprodução, ensinando-lhes como escolher, eugenicamente, maridos e esposas. Divulgadores e agentes da beleza, a Educação Física e os concursos de *misses* evidenciariam a perfeição, atuando como uma das ferramentas destinadas a “proteger a humanidade do cogumelar de gentes feias”.

# Referências


ALMEIDA, Milton. A liturgia olímpica. *In:* Soares, C. L. (org.). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2001. s/p.

CASTANEDA, Luzia Aurelia. Eugenia e casamento. *Hist. Ciênc. Saúde,* Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 901-930, dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000300006&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 fev. 2020. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702003000300006.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasílica. *Diálogos Latino-Americanos*, p. 88-109, 2000.

FLORES, Maria B. Ramos. Estética do corpo e da pedra: ciência e arte na política do belo. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 21-39, jan./jun. 2006.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 23. ed. Rio de Janeiro – RJ: Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais*: Curso no College de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção tópicos).

FRAGA, Alex Branco; GOELLNER, Silvana V.; SILVA, André Luiz dos Santos. Toda la gran ciencia es de imaginación: representaciones de gênero en las obras inaugurales de Fernando de Azevedo. *In:* SCHAREGRODSKY, Pablo (org.). *La invención del homo Gymnásticus:* fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimento en Ocidente. 2. ed. Buenos Aires: Prometeo, 2016. p. 373-394. v. 1.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In:* GOELLNER, Silvana V.; NECKEL, Jane Felipe; LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOMES, A. C. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. *In:* GOMES, A. C. ***Escrita** de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004. s/p

GOULD, Stephen. Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HABIB, Paula Arantes Botelho Briglia. *Agricultura e biologia na Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ):* os estudos de genética nas trajetórias de Carlos Teixeira Mendes, Octavio Domingues e Salvador de Toledo Piza Jr. (1917-1937). 2010. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz/Casa de Oswaldo Cruz, 2010.

IADEVITO, Paula. Teorías de género y cine: un aporte a los estudios de la representación. *Universitas Humanistica*, n. 78, p. 211-237, 2014. Disponível em: http://dx.doi. org/10.11144/Javeriana.UH78.tgcu. Acesso em:5 fev. 2020

KEHL, Renato F. *A fada Hygia:* primeiro livro de higiene. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1937.

KEHL, Renato F. *Formulário da beleza:* fórmulas escolhidas. Rio de Janeiro: Francisco Alves 1927.

KEHL, Renato F. *Bíblia da saúde (hygiene)*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1926a.

KEHL, Renato F. A nudez e a plástica. *Revista da Semana,* Rio de Janeiro, 27 nov.

1926b.

KEHL, Renato F. *A cura da fealdade:* eugenia e medicina social. São Paulo: Monteiro Lobato & Coeditores, 1923.

KEHL, Renato F. *Melhoremos e prolonguemos a vida:* a valorização eugênica do homem. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.

KEHL, Renato F. *Eugenia e Medicina Social*: problemas da vida. Rio de Janeiro:

Francisco Alves, 1920.

LAQUEUR, Thomas W. *Inventando o sexo*: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*: o *normal*, o diferente e o excêntrico. *In:* GOELLNER, Silvana V.; NECKEL, Jane Felipe; LOURO, Guacira Lopes. *Corpo, gênero e sexualidade*: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. s/p

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MATOS, Maria. Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discurso médico – São Paulo, 1890-1930 *In: Diálogos* – Revista do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá. Maringá: Ed. da UEM, v. 4, n. 4, 2000.

SANTOS, Vanessa Cruz *et al.* Eugenia vinculada a aspectos bioéticos: uma revisão integrativa. *Saúde debate*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 103, p. 981-995, dez. 2014. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042014000400981&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 5 fev. 2020. http://dx.doi.org/10.5935/0103-1104.20140084.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 2, n. 20, p. 71-100, jul./dez.1995.

SILVA, André Luiz dos Santos. *Nos domínios do corpo e da espécie*: eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da Educação Física. Porto Alegre: Orquestra, 2014.

SILVA, André Luiz dos Santos. *A perfeição expressa na carne:* a Educação Física no projeto eugênico de Renato Kehl (1917 a 1929). 2008. Mestrado em Ciências do Movimento Humano – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SILVA, Mozart Linhares. Biopolítica, educação e eugenia no Brasil (1911-1945). *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 8, n. 4, p. 900-922, 2013.

SOARES, Carmen Lúcia. *Georges Hébert e o método natural*: uma nova sensibilidade, nova educação do corpo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas: Autores Associados, v. 25, n. 1, 2003.

SOUZA, V. S. *A política biológica como projeto*: a "Eugenia negativa" e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). 2006. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – COC/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da Eugenia:* raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz, 2005.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas femininas. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 15, n. 3, 2001.

VIMIEIRO-GOMES, Ana Carolina; SILVA, André Luiz dos Santos. Average, normal, and beautiful: representations of bodies in Brazilian biotypology (1930-1940). *Journal of Iberian and Latin American Studies*, Abingdon: Print, v. 24, p. 1-23, 2019.

# Notas

1.Nascido em Limeira – SP, Renato Ferraz Kehl (1889-1974) formou-se em Farmácia em 1909, pela Escola de Farmácia de São Paulo e em Medicina, em 1915, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

2. Boletim do Sindicato (RJ); Gazeta de Notícias; Jornal do Comércio (RJ); Revista do Brasil (SP); O Jornal (RJ); Crônica (Lima – Peru); O Correio da Manhã (RJ); Imparcial (RJ); Revista da Semana (RJ); Semana Médica e La República (Buenos Aires).

3. *Corpo* é aqui compreendido como uma construção histórico-social, cujos sentidos e significados são localizados num determinado tempo e lugar. Sem negar a materialidade manifesta no corpo, o entendimento que se propõe aqui não se limita a seus aspectos biológicos, mas sobretudo, às relações de poder que permitiram, em determinados momentos e contextos, significá-lo de diferentes modos (GOELLNER, 2003).

4. Gênero é entendido como um processo relacional produzido na história e na cultura, um projeto ou, ainda, uma tecnologia que cria sujeitos a partir de mecanismos de regulação (SWAIN, 2001; IADEVITO, 2014). Desse modo, descartam-se as "teses essencialistas" que vinculavam/vinculam as feminilidades e masculinidades à biologia dos corpos (GOULD, 1998; LAQUEAR, 2001), para, então, conceber o gênero como uma categoria forjada nas relações de poder, construídas nas especificidades de cada grupo social e de cada momento histórico (LOURO, 1997; SCOTT, 1995).

5. 1929 é o ano-marco para a "virada de Kehl", que, após viagem para o norte europeu, retorna ao Brasil assumindo um viés altamente biologicista, centrado nas noções de hereditariedade, evidenciando uma Eugenia radical (SOUZA, 2006).

6. Ao guardar os objetos de seu cotidiano, Kehl operou uma "produção de si", ou ainda, um "ato biográfico", caracterizado por Gomes (2004) como uma tentativa de conferir significados especiais ao mundo que o rodeava. Entretanto, a organização dos objetos, dos escritos, o rigor cronológico e a própria seleção dos documentos tendem a produzir "efeitos de verdade", que podem ser perigosos àqueles que tomam os acervos pessoais como fontes históricas. Nesse sentido, foi preciso perceber, no fundo pessoal de Renato Kehl, sua fragmentação, suas incoerências e ausências. Mais do que isso, foi necessário ler o encadear desses documentos na tentativa de visibilizar, não o que houve, mas o que ele diz ter havido: seus sentidos, gostos e vivências (GOMES, 2004).

7. Capítulo que integra a obra *A cura da fealdade* (1923).

8. Nesse período, a prática da pederastia entrava em declínio com a ascensão da moral cristã (FRAGA; GOELLNER; SILVA, 2016).

9. Dentre as obras que, em algum momento, abordam o *contraexemplo* do homem "puro-sangue" indico: Kehl (1926a, 1923, 1920, 1922, 1937).ww

10. Aqueles que foram posicionados fora do centro (LOURO, 2003).

11. O autor busca em Georges Hébert, especialmente em sua obra *Muscle et beauté plastique,* elementos que reforcem

a normalidade das proporções do corpo. Diversas imagens de textos de Hébert são utilizadas por Kehl especialmente em *Formulário da beleza* e *A cura da fealdade*. Sobre esse oficial da marinha, indicamos Soares (2003).

12. Referimos-nos ao alcoolismo, à sífilis, à falta de higiene e saneamento.

13. Segundo Habib (2010), no início do século XX, os estudos sobre hereditariedade ainda não articulavam a teoria genética mendeliana à teoria de evolução proposta por Darwin. A chamada "Teoria Sintética da Evolução" vai ser produzida apenas na década de 1940. Além disso, ao longo dos anos 1920, os pressupostos lamarckistas não sobre hereditariedade, ainda se faziam presentes como perspectiva cientificamente aceita nos círculos intelectuais brasileiros.

14. Os argumentos de Kehl em prol da seleção sexual encontram referências em Darwin: "The descent of man and selection in relation to sex" – 1891 (KEHL, 1923). Na esteira da seleção sexual, Kehl fala em "Chimiotaxia positiva", ou ainda, "lei de perpetuidade universal", entendida como uma vontade instintiva de procriar que abrange toda a humanidade, dos belos aos degenerados.